



## Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

13-06-2007

### MUITOS, UM SÓ

Fecho os olhos e espero Lucio Costa. O primeiro que aparece não é o urbanista que traçou um risco perpendicular a outro arqueado e desse sinal da cruz fundou uma cidade. Também não é o arquiteto que encantou o júri com um projeto ao mesmo tempo monumental e acolhedor. Nem é o arquiteto de texto literário, certo recato orgulhoso, muito despreendimento e exata noção do momento e lugar histórico em que vivia.

Não é o velhinho, mergulhado numa

poltrona, rodeado de livros e jornais amarfanhados com um sorriso afetuosos — uma de suas últimas fotos. Quem diz “esse sou eu” não é o arquiteto dos anos 30, já razoavelmente conhecido, que decidiu rejeitar todo e qualquer projeto até que descobrisse afinal que arquitetura valia a pena.

Nem o homem apaixonado por duas Julietas que saiu pelo mundo tentando encontrar, bem longe delas, qual era a escolhida do seu coração. O Lucio Costa que primeiro aparece nas minhas lembranças de admiradora fiel não é o que escolheu a suave e elegante Leleta. Nem o que passou quase metade da vida cultivando a saudade da mulher amada, morta em acidente nos anos 50.

O Lucio Costa que chega não é o arquiteto que previu em Oscar Niemeyer a genialidade do traço, hoje fartamente comprovada. Nem o chefe de Carlos Drummond de Andrade no Ministério da Educação, com quem mantinha contato silencioso/afetivo, porque amizade não precisa fazer barulho.

O arquiteto que de mim se aproxima não é o que foi a Getúlio Vargas pedir que trouxesse Le Corbusier ao Brasil para com ele reforçar nos arquitetos brasileiros os princípios da arquitetura modernista. Podia ser, mas não é, o arquiteto que não tinha intenção de participar do concurso do Plano Piloto. Que só o fez porque, ainda a tempo de se inscrever, teve uma idéia que consi-

derou merecedora de se transformar na capital do país.

O arquiteto que pousa nos meus pensamentos e faz me sentir orgulhosa de ser brasileira não é o pensador de uma arquitetura modernista para um país que se pretendia justo e cada vez mais brasileiro.

Nem é autor do comovente Park Hotel de Friburgo, Rio, construído nos anos 40, mistura poética dos arrojados princípios modernos com as varandas e o combogó da arquitetura colonial. O caipira e o contemporâneo perfeitamente entremeados, como casa e botão, teia e aranha. Nem de longe é o arquiteto que foi a Diamantina e ficou horas reproduzindo com seu traço os detalhes do bar-

roco das igrejas e das casas, jeito antropofágico de ser moderno, colonial e brasileiro. Ou aquele que melhor desenvolveu a idéia moderna de moradia em blocos de pilotis, ou o que projetou a Torre de Tevê, a Praça dos Três Poderes, que sugeriu as duas torres do Congresso Nacional, que desenhou casas, que pensou a arquitetura. Nem esse, nem aquele, nem aquele outro.

O Lucio Costa que primeiro aparece por trás dos meus olhos fechados é o colecionador de soldadinhos de chumbo — dezenas deles. Montados a cavalo, batendo bumbo, desfilando em trajes de gala, prontos para o ataque, fincando a bandeira da vitória. Hoje faz nove anos que Lucio Costa morreu.